

O desvelar da natureza social do discurso de Elisée Reclus a partir do ensaio

“Do sentimento da natureza nas sociedades Modernas”

The unveiling of the social nature of speech Elisee Reclus from test
"The sentiment of nature societies Modern"

R. O. S. Batista

Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 49100-00, São Cristóvão- Se, Brasil
rostosgeo@hotmail.com

(Recebido em 03 de outubro de 2012; aceito em 04 de outubro de 2012)

Este artigo tem por objetivo desvelar o discurso de Elisée Reclus a partir do ensaio *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*, tendo como pressuposto analítico a concepção de M. Bakhtin na filosofia da linguagem. Este ensaio surge enquanto um diferencial, por apresentar uma interligação das relações espaço tempo, na perspectiva linguística ideológica verbal recheada por uma ideologia literária. Nossa intenção é entender as relações dialógicas existentes na polifonia do discurso reclusiano e o seu percurso analítico geográfico para a concepção da categoria natureza.

Palavras-chave: Natureza; Relações dialógicas; Geografia

This paper aims at unveiling the speech Elisée Reclus from The test feeling of nature in modern societies from the assumption analytic conception of M. Bakhtin philosophy of language. This essay appears as a differential, by presenting an interconnection of space time relations in linguistic ideological perspective verbal stuffed by a literary ideology. Our intention is to understand the dialogic relations existing in the speech reclusiano polyphony and its geographic analytical course for the design category nature.

Keywords: Nature; dialogical relations; Geography

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo desvelar a natureza social do discurso de Elisée Reclus, a partir da concepção dialógica da teoria bakhtiniana. Para Bakhtin, o dialogismo¹ é o princípio constitutivo da linguagem, ou seja, a condição do sentido do discurso. Todo discurso tem uma estrutura polifônica por natureza (diferentes vozes sociais que se defrontam, manifestando diferentes pontos de vista), a qual está simultaneamente na dimensão diacrônico/sincrônico inscrito em diversos tempos históricos, tornando a natureza do enunciado social e, portanto, ideológica por estar centrado num contexto social.

O dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário de um texto. Bakhtin (1995) afirma que o texto é o objeto da comunicação, sua organização e estrutura correspondem a um contexto social e histórico. Para o autor, é num contexto social que o discurso vai sendo moldado, dependendo da posição social e do tempo histórico do locutor. Cada enunciado vai ser um fio condutor, numa cadeia complexa de outros enunciados anteriores, vinculado por alguma relação. Por esta razão, o enunciado não existe fora de um contexto social, sendo formado socialmente, portanto é ideológico.

As afirmações a respeito do caráter dialógico e conseqüentemente ideológico do discurso, entendido como lugar de elaboração e de propagação de ideologia, fazem muitas vezes acreditar numa neutralidade da língua. De acordo com Conceição (2010), a linguagem em Bakhtin não existe por si mesma, mas como produto da atividade humana. Em suas análises não se pode dissociar a ideologia da realidade material do signo. A autora entende que, todo signo é

¹“Reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir”. (BARROS, 1994, p. 6).

resultado de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer do processo de interação. Suas formas são condicionadas não só pelas suas organizações sociais, como também por suas interações espaço temporais.

Embora Bakhtin tenha a leitura da unidade indissociável do tempo e espaço, para ele o princípio condutor do cronotopo é o tempo. Assim, para entender a relação dialógica na leitura dos textos reclusianos, introduzimos o conceito de cronotopo², que é outra criação de Bakhtin no domínio da análise literária. Nesse sentido, Bakhtin considera que o cronotopo é um “*continuum* espaço-temporal, uma quarta dimensão do espaço”, (AMORIM, 2004. p. 222), isto é, a materialização do tempo no espaço, sendo fundamental a relação entre esta categoria e o tema de uma obra.

Nessa direção, buscaremos entender o contexto (tempo histórico) do geógrafo Elisée Reclus, a fim de compreender seu enunciado. Em tensão direta com o discurso de seu tempo, o geógrafo Reclus vai desenvolver um discurso crítico sobre a sociedade dando vozes em seus escritos como forma de refletir as questões políticas, sociais, econômicas, entre outras dos séculos XIX e XX.

2. NAS TESSITURAS DE UM TEMPO HISTÓRICO

O tempo histórico reclusiano no tocante a formação de seu discurso, vai corresponder a uma articulação baseada num contexto social e histórico. Elisée Reclus desenvolve conceitos críticos que se contrapõem ao pensamento geográfico de sua época. Contrariando tanto seus contemporâneos quanto os que viriam depois na França, a obra reclusiana foi mantida no ostracismo como sendo de pouco valor para a ciência de sua época. Estudando os múltiplos aspectos que envolvem a vida na terra, desenvolveu uma geografia social chamando atenção para a formação de uma classe que dominava os países colonialistas, chegando a analisar aspectos contraditórios do progresso (aumento da população, questões sobre as indústrias e a pobreza) que traziam grandes benefícios às classes privilegiadas e levava à outra parte da população a miséria.

O tempo histórico reclusiano foi marcado por efervescentes discussões nos campos científico, político e social. Esse contexto trouxe em seu bojo a ideia central de universalidade da razão, que constituiu o saber científico através de sistemas explicativos, enquanto questão fundamental da ciência geográfica. (Gomes, 2010).

De início, observa-se que havia um predomínio do positivismo e do empirismo entre as principais tendências hegemônicas do século XIX dos campos científicos. Com as ciências naturais, as ideias de C. Darwin estavam em pleno apogeu e a geografia tinha um objetivo de se afirmar como ciência, buscando oferecer um entendimento sobre a vida na terra.

A sistematização geográfica, o mecanicismo newtoniano, compôs a sustentação teórica da geografia física em Kant. Nesse pressuposto teórico o pensamento geográfico se inscreve desde o romantismo ao idealismo alemão, culminando com o evolucionismo. Conforme Vitte (2009), a Revolução Francesa e a consolidação dos Estados nacionais e o capitalismo liberal abrem caminhos para o amadurecimento de uma filosofia, que passou a investigar a relação homem/natureza baseando-se nos ideais organicistas.

Observa-se, no pensamento de Elisée Reclus, uma preocupação com duas categorias analíticas em seu pensamento: o espaço e o tempo. Nessa reflexão, o geógrafo estabelece leis fundamentais no desenvolvimento humano, admitindo que toda sociedade está organizada através da divisão de seus membros em classes, o que não existia nas sociedades primitivas. Para o geógrafo, os seres humanos produzem seus próprios espaços, já que durante a infância nas sociedades, estes viviam isolados ou agrupados em tribos. Os homens lutavam contra obstáculos na tentativa de sobreviver em meio às florestas, aos ataques dos animais selvagens, a fome. Para Andrade (1985), a reflexão do homem em relação a sua forma de viver, na perspectiva da concepção do tempo e do espaço, no pensamento reclusiano, traça uma linha e

²“O cronotopo é emprestado da matemática e das teorias da relatividade de Einstein” (AMORIM, p. 222). 2004.

recortes históricos estruturais tendo o espaço como categoria analítica de seu construto. Neste sentido, o homem é naturalmente livre e se relaciona de modo harmônico com a natureza, um influencia o outro e os dois vão sofrer transformações sobre o espaço com o passar do tempo.

Verifica-se que, com a ideia de progresso, houve um aumento de riqueza social, distribuição e consumo, gerando uma expansão demográfica e, como resultado, várias mudanças ocorreram em meio social, tais como no uso de matérias-primas, levando a destruição das bases da vida na terra, animal, vegetal e mineral, em nome da sobrevivência histórica da espécie humana. Para Reclus, o sucesso de uma sociedade fundada sobre a injustiça se devia à exploração dos seres humanos. O geógrafo torna-se um fervoroso adepto da revolução social, verificando que ela seria a única forma de realizar as mudanças bruscas que permitiriam a emergência da emancipação social.

Os progressos tecnológicos serviam a poucos: enquanto milhares de crianças sucumbiam à fome e à miséria, um grande desperdício presidia o estoque, transporte e comércio de gêneros alimentícios, numa lógica na qual predominavam a sede de lucro e a especulação. Contrapondo-se a esta situação, o geógrafo ressaltava o caráter de abundância existente na riqueza da Terra. Para o autor, a fome não era apenas o resultado de um crime coletivo, mas o resultado da má distribuição das riquezas, bem como do aumento da destruição da natureza.

A geografia libertária de Reclus foi muito influenciada pelas ideias de Ritter, que contribuiu através da sua perspectiva antropológica e social. (Andrade, 1985). Embora discípulo declarado de Ritter, Reclus se distanciará da visão organicista do mestre, estruturando sua maturidade intelectual numa geografia libertária. Participou ativamente das movimentações políticas de seu tempo, estando presente nas discussões das duas principais correntes teóricas radicais do século XIX, a saber: o anarquismo e o comunismo. Sua ação militante anarquista revolucionária é fundamentalmente conhecida pela sua colaboração na edição do jornal *Le Révolté* por debates e conferências, dezenas de artigos de caráter panfletário e pedagógico, pequenas brochuras, entre as quais se destacam: *La Peine de Mort, de 1889, L' Anarchie, 1 de 1894, e L' Evolution, La Révolution et l' Idéal Anarchique*.

O pensamento geográfico de Reclus está inscrito no tempo histórico, em que a matriz teórica epistemológica científica estava alicerçada na ideia de progresso e no evolucionismo Darwiniano. No entanto, na contra corrente, foi possível este geógrafo evoluir no sentido contrário do progresso e da ciência. Para ele, nossa sociedade está em um tempo histórico regressivo, pautada na competição, violência, escravidão e dominação.

Seu estilo de escrita parece ter fomentado seu vigor revolucionário e, ao conhecer M. Bakhtin filia-se a Internacional dos Trabalhadores e, a casa onde residia em Paris passa a ser ponto de encontro dos anarquistas. Foi na I Internacional dos trabalhadores que Reclus faz aliança com Bakhtin e com Kropotkin. Sua concepção de geografia permitiu-lhe ir muito além da análise de formação das sociedades da maioria dos seus contemporâneos, já que visualizava a necessidade da geografia intervir na organização dos homens e do meio, pois era a ciência capaz de promover a ação direta a partir de forças políticas.

No final do século XIX, Élisée Reclus é notado como anarquista e revolucionário ao participar da Comuna de Paris, considerada a primeira experiência de exercício do poder popular ou a primeira revolução proletária da história da humanidade. O anarquista Reclus preocupou-se fundamentalmente, com o processo de expansão do capitalismo europeu para o mundo.

Na conjugação espaço/tempo exprime como a relação sociedade/natureza pode explicar a organização das sociedades com base nas relações do homem com seu meio. A forma de conhecer a área geográfica proposta por Reclus nos leva a refletir as condições históricas em que o espaço geográfico foi criado, este como sendo um problema central em toda a sua teoria geográfica, na qual deixou a marca de uma vida intensa voltada para um ideal de superação humana.

3. AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NO ENSAIO “DO SENTIMENTO DA NATUREZA NAS SOCIEDADES MODERNAS”

Para analisarmos as relações dialógicas na polifonia do discurso reclusiano, tomemos como exemplo o ensaio “*Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*”. Este ensaio surge enquanto um diferencial, por apresentar uma interligação das relações espaciais e temporais, apresentando uma perspectiva linguística ideológica verbal recheada por uma ideologia literária. Não queremos aqui estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, nosso intento é entender as relações dialógicas existentes em sua própria fala ou em outras falas inseridas neste ensaio. Primeiramente, é preciso assinalar a vasta conexão espaço temporal que surge no ensaio ressaltado a partir das várias ações concentradas por todo o espaço geográfico sob o olhar do autor, nas vozes dos viajantes, “artistas, pesquisadores e todos aqueles que sem aspirar às artes nem à ciência, desejam simplesmente restaurar-se na livre natureza, dirigindo-se, sobretudo às regiões de montanhas”. (RECLUS, 2010, p.30).

No início do ensaio, Reclus utiliza como categoria de análise a relação espaço/tempo. Em suas análises, o autor faz um percurso analítico por quase toda a parte do globo acerca do sentimento pela natureza dos viajantes, desde os mais vastos mares e oceanos aos altos cumes das montanhas. “Aquele que escala uma montanha não está entregue ao capricho dos elementos como o navegador aventurado nos mares; bem menos ainda como o viajante transportado por ferrovia, um simples pacote humano tarifado, etiquetado, controlado, depois expedido a hora fixa sob a vigilância de empregados uniformizados.”. (RECLUS, 2010, p. 35).

Conforme Reclus ao realizarem essas aventuras, os seres humanos misturam as suas paixões, em busca do desconhecido, da vaidade que lhe é própria. Ao conseguir tais feitos surge uma exaltação, que produz a alegria do triunfo em alcançar os poucos lugares antes inabitados. O olhar do geógrafo se debruça sobre as viagens, por todo o globo, desses ‘homens de ciência’ que saem das várias regiões da Europa, que se formara sob o nome de clubes alpinos.

Nas suas primeiras análises, Reclus deixa posto como seu pensamento é guiado pelo cronotopo, que nos permite constatar, como afirma Conceição (2010), que a “geografia é reescrita como história” e a “história na geografia.” Assim, Reclus vai relatando como ingleses, alemães, franceses, entre outros, vão demonstrando diferentes olhares sobre o meio natural. Destes sentimentos, o geógrafo atenta para aqueles que possuem a sensibilidade ao estar diante da natureza e os que tendem a olhar apenas por cunho econômico. Estamos, portanto, diante de uma gama de narrativa que cobre o conjunto dos espaços e dos tempos; ela inscreve-se no conjunto de sua obra, inaugurando uma nova narrativa em seu tempo histórico. O ensaio reclusiano reflete e refrata uma tensão dialógica, um aparente narrador, que se desvela em vários olhares e vozes descritos em algumas partes do mundo.

Os viajantes ingleses marinheiros ou escaladores descendem desses audaciosos vikings que se diziam “os reis do mar selvagem”, e que, em suas estreitas embarcações aventuravam-se com tanta alegria sobre curtas e perigosas ondas do mar. (RECLUS, 2010, p. 56).

Ao apresentar o diálogo como uma forma de interação em consonância com sua visão de mundo, Reclus pressupõe um grupo de homens cujas vozes ressoam em igualdade de poder, sem que uma chegue a abafar a outra. O geógrafo demonstra ao longo do seu ensaio, como com a partir da exploração da natureza alguns homens ‘celebram a natureza em todos os tons’. Importa-nos observar como a tensão dialógica e polifônica surge no decorrer do ensaio a partir da expressividade crítica reclusiana, quando relata o aumento populacional nas cidades rumo aos centros privilegiados.

Recentemente ainda pudemos ver, pelo exemplo de algumas cidades da China, que destino era reservado às antigas aglomerações de homens sob o império das antigas civilizações. A poderosa cidade de Nanquim tornou-se um monte de escombros, enquanto Uchang, que parece ter sido, há uns quinze anos, a

cidade mais populosa do mundo, perdeu mais de três quartos de seus habitantes. (RECLUS, 2010, p. 72).

Reclus afirma que nas planícies de vários países está ocorrendo esse mesmo movimento. Continua alertando para os perigos de um crescimento populacional exacerbado para as cidades ao demonstrar que na

Austrália e na Califórnia o campo tornou-se um subúrbio, e os próprios camponeses, pastores e cultivadores, tem o espírito voltado para a cidade: são especuladores que, no interesse de seus negócios, afastaram-se momentaneamente do grande centro comercial, mas que não deixarão de retornar a ele. (RECLUS, 2010, p. 72).

No que concerne à questão da simultaneidade, Reclus pressupõe coexistência e interação entre as personagens. E dessa interação participam, segundo Bakhtin, somente as coisas essenciais. Neste ensaio, observamos esta simultaneidade quando o autor enfatiza algumas trajetórias dos camponeses em direção aos centros das cidades. Nesse momento, vigoram no contexto a simultaneidade, que é representada por um tempo presente, com vínculos temporais, que se espelham nos laços do passado ou nas expectativas do futuro. “Bem pouco numerosos são os” emigrantes que podem realizar seus sonhos de fortuna; muitos deles encontram a pobreza e a doença, uma morte prematura nas grandes cidades, aqueles que puderam ampliar o círculo de suas ideias viram lugares diferentes uns dos outros; formaram-se em contato com outros homens; tornaram-se mais inteligentes, mais instruídos, e todos esses progressos individuais constituem para a sociedade inteira uma vantagem inestimável. (RECLUS, 2010, p. 80).

Há no ensaio uma tensão de conteúdos ideológicos no qual os metadiscursos deixam explícitos tanto uma crítica acerca das características da modernidade, bem como os ideais de progresso e de liberdade. Em sua crítica, Reclus enfatiza que todo progresso também pode produzir decadência, já que

“as características do cidadão podem num primeiro momento tornar-se refinada, mas com o tempo irão declinar-se e a fonte da vida secar. Da mesma maneira do ponto de vista intelectual todas as faculdades brilhantes que a vida social desenvolve são de início superexcitadas, mas o pensamento perde gradualmente sua força; cansa-se depois, enfim, apaga-se antes da hora”. (RECLUS, 2010, p.83).

Reclus demonstra num olhar de “viajante” as transformações que tanto a sociedade, quanto a natureza vêm passando a partir das transformações da modernidade. Tais ideias, para Reclus, estimularam uma transformação nos meios de produção levando a relação sociedade/natureza em direção de uma complexidade crescente. Conforme esta crítica, a sociedade funciona num ciclo que não é unilinear, pois também há retrocessos, assumindo assim uma forma em espiral em consequência dessa complexidade. Nesse sentido, as bases da concepção estética de Reclus estão claras nesse ensaio, pois o autor faz a análise do “sentimento da natureza” através de um jogo de vozes, o qual vai sugerir uma nova posição da voz do autor no seio do ensaio, na medida em que este surpreende o leitor com os princípios da polifonia de seu discurso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de não se considerar sua narrativa, numa visão linear, compreendida em uma organização e estrutura sistêmica, e perder-se a riqueza dos conteúdos tecidos nos fios que conduzem uma narração polifônica, entendemos que o discurso na forma dialogizante de Reclus tem uma estrutura polifônica. Está simultaneamente na dimensão diacrônico-sincrônica inscrito em tempos históricos, afirmando sua densidade e uma intensa análise crítica sem deixar espaço para neutralidade, já que todo discurso tem no seu enunciado a posição de uma classe social. Elisée Reclus expõe vários pontos de vista sobre a natureza e, ao posicionar-se, vai agir como

representante de uma classe social. Dessa forma, todo seu discurso assume a tensão dialógica exposta enquanto sujeito. As vozes que se apresentam no ensaio surgem, muitas vezes, como opostas e/ou diferentes e são relatadas enquanto verdades absolutas que agem como produtores de discursos desiguais. No entanto, estes pontos não se fundem, revelando sempre as diferenças e tensões entre eles. Neste caso, o autor fez intervir sua posição exterior num contexto histórico, a fim de revelar do sujeito algo que ele não pode ver. Assim, ao utilizar uma posição no tempo para fazer suas análises, este geógrafo nos permite entender que o espaço é a dimensão que permite fixar, inscrever um movimento ou, dito de outra forma, a dimensão em que o movimento pode se escrever e deixar suas marcas. Essa concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde a um novo homem. Nesse sentido, Reclus parte, portanto, do tempo para identificar o ponto em que este se articula com o espaço, formando uma só unidade. O tempo, neste ensaio, é a dimensão do movimento, da transformação e, várias vezes vemos o autor analisar a metamorfose em cada fala, em cada olhar sobre a natureza. Não é por acaso que este geógrafo não obedece a uma linha de análise que se tece entre dois pontos precisos da história.

5. REFERÊNCIAS

1. AMORIM, Marília. *Cronotopo e Extropia*. In. BRAIT, Berth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1ª ed. São Paulo. Ed. Contexto. 2008.
2. ANDRADE, Manuel Correia de. *Elisée Reclus*. São Paulo: Ed. Ática, 1985.
3. BAKHTIN, Mikhail, (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 7ª edição, tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo: Hucitec, 1995.
4. BAKHTIN, Mikhail, *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance* (equipe de tradução do russo: Aurora FornoniBernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade), 3ª edição, São Paulo: Editora UNESP, 1993.
5. BRAIT, Berth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1ª ed. São Paulo. Ed. Contexto. 2008.
6. BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação, in *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*, orgs. Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 01 – 09 (Ensaio de Cultura, 7).
7. CONCEIÇÃO, A. L. *Texto: A Natureza Social do Discurso Geográfico*, in Anais do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. Uberlândia (MG). 2010.
8. HOBBSAWM. Eric. J. *A Era do Capital*. 1848-1875. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
9. GOMES, P. C. da C. *Geografia e modernidade*. 8ª ed. R.J. Bertrand Brasil. 2010.
10. RECLUS, Élisée. *Do sentimento de natureza nas sociedades modernas*. São Paulo, Imaginário, 2010, p.95.
11. RECLUS, Elisée. *El Hombre y la Tierra*, Tomo I, p.4.1913.
12. VITTE, L. C. A terceira crítica kantiana e sua influência no moderno conceito de geografia física. GEOUSP- Espaço e Tempo. n° 19. São Paulo: USP, 2006, p. 33/52.